

Entenda o motivo da guerra entre EUA e Irã

Aliados antes da Revolução Islâmica, em 1979, países romperam as relações diplomáticas há mais de 40 anos.

(Manuel Augusto Moreno/Getty Images)



As forças armadas dos Estados Unidos e de Israel atacaram o Irã, de surpresa, na madrugada de sábado (28 de fevereiro), iniciando uma guerra contra o país do Oriente Médio. Os bombardeios que atingira diversas cidades iranianas mataram o chefe de estado e líder religioso máximo, o aiatolá Ali Khamenei. Os ataques prosseguiram nos dias seguintes, por meio de bombas aéreas, mísseis disparados de território israelense e de embarcações de guerra norte-americanas.

O Irã revidou, lançando bombas sobre Israel e sobre alvos norte-americanos, espalhando prejuízos pela região: foram atingidas áreas no Iraque, Catar, Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Omã. O grupo libanês Hezbollah, aliado do Irã, lançou bombas contra Israel, que bombardeou suas posições no Líbano. A enorme superioridade em armamentos de Estados Unidos (EUA) e Israel fazem, na prática, com que os ataques do Irã sejam pouco eficazes, pois quase todas as bombas e mísseis iranianos são destruídos no ar, bem antes de atingirem qualquer alvo. No caso do Irã, os inimigos conseguiram matar parte importante da cúpula dirigente do país, com mísseis de grande precisão atingindo edifícios de governo e até residências específicas. Logo após o início da guerra, o presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou que a operação militar deveria durar apenas quatro semanas. Ocorre, porém, que os conflitos podem se alastrar pela região – e até além – por um tempo difícil de estimar.

Nações Unidas

O ataque ao Irã tornou-se mais um exemplo da inoperância da ONU (Organização das Nações Unidas) no cenário atual. A segunda presidência de Trump, iniciada em janeiro de 2025, tem atuado de forma agressiva em defesa de seus interesses, e de forma unilateral – como ficou claro no caso da Venezuela, em janeiro, quando atacou o país e sequestrou seu presidente, Nicolás Maduro, e a esposa, Cília Flores, levando-os para julgamento pela Justiça dos EUA. Pelas leis internacionais até então vigentes, o ataque a um país é considerado legítimo quando há uma agressão anterior – o que não houve em nenhum dos dois casos – ou em decisão tomada pelo Conselho de Segurança da ONU – o que também não houve. O ataque ao Irã ocorreu sem que houvesse uma declaração formal de guerra ao Irã, articulado previamente apenas entre EUA e Israel.

Questão nuclear

No conflito aberto, há ainda a questão nuclear, pois a possibilidade de o Irã estar desenvolvendo uma bomba atômica foi um dos argumentos usados para a realização do ataque (os EUA haviam bombardeado as instalações nucleares iranianas em junho de 2025). Israel é considerado um país que possui armas nucleares, embora não reconheça isso publicamente. Já o Irã domina o enriquecimento de urânio (tal como o Brasil), principal matéria para a fabricação da bomba atômica, mas não há indícios de que trabalhe para a fabricação da arma. O Irã é membro do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TPN), que veta o acesso a armas atômicas para qualquer país que já não as tivesse quando o tratado entrou em vigor, nos anos 1960. Israel não.

Como membro do TPN, o Irã tem o direito de enriquecer urânio para fins pacíficos – como fonte de energia (usinas nucleares) e usos em medicina, indústria e agricultura, entre outros. É uma atividade econômica com poucos atores em nível mundial. No caso do Irã, as atividades nucleares começaram com apoio dos EUA, na época do xá. O rumo tomado pelo país com a ascensão do regime islâmico transformou-o em parceiro não confiável para EUA e Israel, abrindo uma tensão que se estende por mais de quatro décadas, tornando-se agora uma guerra aberta.

<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/entenda-o-motivo-da-guerra-entre-eua-e-ira/>